

## A IMPORTÂNCIA DA HUMANIZAÇÃO EM CUIDADOS PALIATIVOS: REFLEXÕES E DEBATES

Lorrany de Cássia de Souza e Silva<sup>1</sup>; Lana Daiana Rodrigues Girão da Silva<sup>1</sup>; Ana Carolina Galvão da Fonseca<sup>2</sup>; Tatiane da Silva Rangel<sup>1</sup>; Daniele da Silva Negrão<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Especialização, <sup>2</sup>Graduação  
Hospital Ophir Loyola  
lorranysoouza\_18@hotmail.com

**Introdução:** Os Cuidados Paliativos surgiram como uma modalidade de cuidado que tem por filosofia melhorar a qualidade de vida dos pacientes e famílias que enfrentam doenças que ameaçam a vida, por meio da prevenção e alívio dos sofrimentos físicos, psicossociais e espirituais. É tradicionalmente objeto de ação na área oncológica, embora possa ser utilizado em qualquer situação que envolva outras doenças crônico-degenerativas.<sup>1</sup> A Organização Mundial da Saúde – OMS, em 2002, definiu os Cuidados Paliativos como “uma abordagem que aprimora a qualidade de vida dos pacientes e familiares que enfrentam problemas associados com a doença ameaçadora de vida, através da prevenção e alívio do sofrimento, por meio de identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual”<sup>2</sup>. Contudo, a oferta da assistência em Cuidados Paliativos ainda não é adequada às demandas existentes, qualitativa e quantitativamente, sendo tratada de forma incipiente na legislação e diretrizes que regulamentam a atenção à saúde, por isso, muito raro é apresentada e discutida na formação de profissionais da saúde, o que ocasiona o despreparo destes em lidar com pacientes em fase final de vida.<sup>3</sup> Por isso, o grande desafio dos profissionais que atuam nos Cuidados Paliativos é cuidar do ser humano na sua totalidade, exercendo uma ação preferencial em relação a sua dor e seu sofrimento, nas dimensões física, psíquica, social e espiritual. Portanto, a Política Nacional de Humanização – PNH, criada em 2003, pode representar uma importante contribuição para avançar no debate acerca da importância do investimento em políticas, práticas e serviços de saúde, capazes de oferecer essa modalidade de cuidado. **Descritores:** Humanização; Cuidados Paliativos; Equipe Multiprofissional **Objetivos:** Analisar as práticas profissionais sob a ótica da humanização em uma Clínica de Cuidados Paliativos de um Hospital de Referência, assim como, propor uma reflexão acerca dos cuidados paliativos sob a perspectiva da humanização. **Descrição da Experiência:** Inicialmente foi utilizada a pesquisa bibliográfica, posteriormente, foi utilizado o estudo descritivo, observacional, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa, a partir do atendimento diário da equipe multiprofissional aos pacientes, onde foram observadas as práticas dos profissionais, analisando se estas estavam de acordo com o que preconizava a PNH. A pesquisa foi desenvolvida, no período de agosto à setembro de 2016, na Clínica de Cuidados Paliativos Oncológicos, do Hospital Ophir Loyola, Belém-PA, a qual conta com 10 leitos, distribuídos em 4 enfermarias. A Clínica conta com uma equipe multiprofissional composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogos, nutricionistas, entre outros. Os principais aspectos observados foram: o preparo profissional em lidar com o processo de finitude, onde o curar passa a dar lugar ao cuidar; a comunicação franca com paciente e/ou familiar, envolvendo, aqui, a comunicação de más notícias, onde é preciso saber até que ponto falar e quando é necessário somente ouvir; e o direito da autonomia do paciente, respeitando seus desejos, suas vontades. **Resultados:** Levando em conta a humanização no processo de finitude, os profissionais precisam enxergar a morte como parte de um processo da vida, e, no adoecimento, os tratamentos devem visar à qualidade de vida e o bem-estar da pessoa, mesmo quando a cura não é possível. Contudo, ficou evidente a falta

de preparo de alguns profissionais em lidar com pacientes no fim da vida, gerando um sentimento de impotência, frustração e revolta, onde estes se encontram, constantemente, em um impasse: salvar o paciente evitando ou adiando a morte a todo custo, ou cuidar e priorizar a qualidade de vida. Outro ponto embasado na humanização é a importância em estabelecer vínculos, de modo que o centro da atenção seja o cuidado holístico, e não apenas no cuidado técnico. Destacando também a importância da comunicação franca com paciente e familiares, oferecendo sempre conforto a estes, deixando claro que será feito tudo o que for possível para aliviar seu sofrimento. Mesmo assim, ainda constata-se a dificuldade de comunicação entre profissionais e pacientes e/ou familiares, pois aqueles não estão preparados para comunicar más notícias, onde são tratados temas como dor, sofrimento e morte, assim, sentem-se desconfortáveis em atuar em contextos onde esses temas são predominantes. Por outro lado, observou-se que muitos aspectos ligados ao adoecer, o respeito às crenças e às fragilidades dos pacientes e, especialmente, o seu desejo em permanecer rodeado da família, amigos e cuidadores, vêm sendo considerados pela equipe multiprofissional, como busca da humanização do atendimento e do cuidado a esses pacientes. Em relação à autonomia, o paciente desse ser estimulado, sempre, a manifestar suas preferências, participar da tomada de decisão sobre o seu tratamento, se assim o desejar. Porém, observa-se que, na prática os pacientes são pouco encorajados a participar da deliberação, as opções são pouco discutidas e o consentimento fica apenas implícito.<sup>4</sup> Portanto, há diversos obstáculos para que o exercício da autonomia e a preferências do paciente sejam de fato respeitados. O trabalho multiprofissional é necessário para o cuidado paliativo que procura resgatar os valores éticos e humanos, assim como a autonomia individual. O cuidado deve ser compartilhado, e o paciente oncológico, em cuidados paliativos, merece do profissional toda a benevolência e respeito. Auxiliá-lo, em todas as fases deste processo, implica orientá-lo sem coagir, mostrando-lhe os benefícios e desvantagens de cada tratamento, de forma inteligível a seu nível de compreensão. **Conclusão/Considerações Finais:** A partir deste estudo, pôde-se refletir sobre a atuação da equipe multiprofissional em Cuidados Paliativos, levando em conta aspectos humanizados, os quais vem como contribuição para a qualidade de vida para pacientes em processo de finitude. Espera-se que outros debates a cerca deste tema possam ser realizados, trazendo avanços efetivos na qualificação da assistência, possibilitando resgatar a noção de sujeito singular, onde este possa ser valorizado como sujeito autônomo, com seus próprios interesses, necessidade e desejos, pois essa valorização é imprescindível no trabalho humanizado em cuidados paliativos. Fica evidente, portanto, que o grande desafio dos profissionais que atuam em cuidados paliativos é cuidar do ser humano em sua totalidade, exercendo uma ação preferencial em relação a sua dor e seu sofrimento, nas dimensões física, psíquica, social e espiritual, com competência tecno-científica e humana. Salienta-se, por fim, que os resultados desta pesquisa são específicos para a equipe multiprofissional estudada. Dessa maneira, se faz necessário realizar estudos relacionados às estratégias de enfrentamento assumidas pela equipe paliativista que assiste o binômio familiares/paciente em cuidados paliativos, tendo a humanização como suporte diário às práticas profissionais.

## Referências:

1. PESSINI L, BERTACHINI L. Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Edições Loyola, 2014.
2. WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. Better palliative care for older people. Geneve: WHO, 2002.

3. CARVALHO CAF. Humanização da atenção em cuidados paliativos: reflexões sobre a integralidade da assistência. Florianópolis, 2012.
4. ABREU CBB, FORTES PAC. Questões Éticas referentes às preferências do paciente em cuidados paliativos. Ver. Bioét. 2014; 22 (2): 299-308.